Caderno de poemas

#Bandeira na veia

Apresentamos a você alguns poemas de um grande autor brasileiro:

Manuel Bandeira

Vamos apreciar algumas de suas poesias?

Você já viu um balão no céu?
Sabia que as crianças antigamente brincavam de balão?

NA RUA DO SABÃO

Cai cai balão
Cai cai balão
Na Rua do Sabão!

O que me custou arranjar aquele balãozinho de papel!
Quem fez foi o filho da lavadeira.
Um que trabalha na composição do jornal e tosse muito.
Comprou o papel de seda, cortou-o com amor, compôs os gomos oblongos...
Depois ajustou o morrão de pez ao bocal de arame.

Ei-lo agora que sobe – pequena coisa tocante na escuridão do céu.
Levou tempo para criar fôlego.
Bambeava, tremia todo e mudava de cor.
A molecada da Rua do Sabão Gritava com maldade:
Cai cai balão!

Subitamente, porém, entesou, enfunou-se e arrancou das mãos que o tenteavam.
E foi subindo... para longe...
serenamente...
Como se enchesse o soprinho tísico do José.

Cai cai balão!

A molecada salteou-o com atiradeiras assobios apupos pedradas.

Cai cai balão!

Um senhor advertiu que os balões são proibidos pelas posturas municipais

Ele foi subindo...
muito serenamente...
para muito longe...
Não caiu na Rua do Sabão.
Caiu muito longe...
Caiu no mar – nas águas puras do mar alto.

"Na rua do sabão" foi publicado em 1924 no livro *O Ritmo Dissoluto*.

Soltando balão (obra de Ivan Cruz)

Hoje em dia, não é permitido soltar balões para proteger as pessoas e a natureza dos incêndios.

Ao ler este poema, tente imaginar o que ele representa...

TREM DE FERRO

Café com pão
Café com pão
Café com pão

Virge Maria que foi isso maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força

Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade de cantar!

Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá
[...]

Oô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...
Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...

O poema "Trem de Ferro" foi publicado em 1960, no livro *Estrela da Tarde*.

Que tal assistir ao vídeo que traz esse poema de outra forma?
https://www.youtube.com/watch?v=ZbMr2XcdmmU

Um meio de transporte muito utilizado na época de Manuel Bandeira era o trem.

Você já andou de trem? Se sim, como você se sentiu?

Você tem um bichinho de estimação? Se sim, você gosta muito dele? Se não, você gostaria de ter um?

PORQUINHO-DA-ÍNDIA

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas . . .

— O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.

O poema "Porquinho-da-índia" foi publicado no livro "Libertinagem", de 1930.

Muitos pintores, como o americano Donald Zolan, gostam de retratar o amor dos animais e dos humanos.

O que você sente ao apreciar esta imagem?

Você gosta do mar? Já pulou ondas ou tem medo quando elas estão bravas?
Veja a brincadeira que Manuel Bandeira fez com as palavras. Leia devagar e depois rápido. Você consegue?

A ONDA

A onda
a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

Esse poema foi publicado no livro Estrela da tarde, em 1960.

Tente imaginar o movimento das ondas do mar.
Se quiser, ouça para te ajudar:
https://www.youtube.com/watch?v=FONBiRZMstw

Muito legal ver como um poeta traduz as coisas da vida em palavras, não é mesmo?

Terminamos nosso caderno de poemas de Manuel Bandeira!

Esperamos que você tenha gostado e queria saber mais sobre o autor e a sua obra!

Este livro foi uma compilação de poemas de Manuel Bandeira feita pela equipe pedagógica da Escola Pinheiro.